

Capítulo III

Aspectos literários e simbólicos

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AB. Aspectos literários e simbólicos. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 82-92. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Capítulo III

Aspectos literários e simbólicos

O autor que ignora a comida empobrece a obra literária. (BALZAC¹)

O poder das palavras sobre o paladar fica evidente em um episódio vivido por Salvador Dalí. Depois de ouvir o cozinheiro tecer louvores a um patê que servia, o pintor comentou; “Este mesmo patê, sem aquele discurso do cozinheiro, eu o teria engolido distraidamente. É preciso que me digam que um prato é excepcional para que minhas papilas estremeçam”².

Citado por Revel, Bergson escreveu sobre a influência da linguagem sobre a sensação, considerando-a fundamental.

A linguagem não apenas nos faz crer na invariabilidade de nossas sensações como nos enganará às vezes sobre o caráter da sensação experimentada. Assim, do que, como uma iguaria tida como requintada, o nome que ela leva, acrescido da aprovação que lhe dão, interpõe-se entre minha sensação e minha consciência; eu poderia acreditar que o sabor me agrada quando um ligeiro esforço de atenção me provaria o contrário³.

A comida aparece no cotidiano dos indivíduos de várias formas, inclusive no vocabulário corriqueiro, provando que, mais do que alimento, é linguagem. Na origem da palavra “companheiro” está: “o pão compartilhado”. O vocábulo vem de *cum panis* que significa comer o mesmo pão, comer junto⁴. Jackson encontrou 25 palavras e expressões relacionadas ao comportamento de comer: Abastecer, Devorar, Engolir, Tomar, Abocanhar, Tragar, Pôgoela abaixo, Empanturrar-se, Lamber, Debicar, Lambiscar, Beliscar, Morder, Mastigar, Mascar, Ruminar, Triturar, Mordiscar, Cevar, Regalar-se, Pastar, Pascentar, Saborear, ficar com água na boca, digerir⁵.

E podemos acrescentar outras palavras e expressões, retiradas da comida, que ganham outros significados a depender da situação. “Cachaça” pode definir um *hobby*. “Café pequeno”, assim como “canja”, facilidade. “Galinha” designa uma pessoa muito namoradeira. “Manteiga derretida”, quem chora à toa. “Marmelada”, um negócio escuso. E “uma ova” quer dizer “de modo algum!”⁶.

Comportamentos vários são associados a alimentos: “asso-biar e chupar cana ao mesmo tempo”, “chorar pitangas”, “colo-

car mão na massa”, “ficar com água na boca”, “comer com os olhos”, “comer gato por lebre”, “comer o pão que o diabo amassou”, “dar uma banana”, “é sopa no mel”, “falar abobrinhas”, “farinha do mesmo saco”, “mandar às favas”, “mandar plantar batatas”, “pão pão, queijo queijo”, “preço de banana”, “tomar chá de cadeira”, “carioca da gema”.

“Engolimos” sapos ou desaforos; “ruminamos” ou “digerimos” problemas; “vomitamos” impropérios; “cospe-se” marimbondos ou “no prato em que se comeu”. “Nos deliciamos” com um livro ou uma obra de arte. “Enjoamos” de pessoas; sentimos a “náusea” sartreana; “alimentamos” ilusões.

Os que lêem com a avidez de um esfomeado são leitores que “devoram” as histórias. Também se pode “devorar” com os olhos pessoas desejadas, belos espetáculos e obras de arte. “Come-se rezando” algo muito bom.

E ainda temos os ditados: “Apressado come cru”, “beleza não põe mesa”, “de grão em grão a galinha enche o papo”, “homem se conquista com a boca”, “quem anda com porcos farelos come”, “não adianta chorar pelo leite derramado”, “não se faz omelete sem quebrar alguns ovos”, “pimenta nos olhos dos outros é refresco”, “quem não arrisca não petisca”, “quem não chora não mama”.

O caju se presta a metáforas. O povo diz que “besta é caju que nasce de cabeça para baixo”. Reza o ditado: “Gente é como caju; por melhor que seja, tem sempre um pigarro”. E o “caju-amigo”, reunião informal de pessoas que queriam se divertir, de onde teriam tirado a denominação.

Segundo a folclorista Hildegardes Vianna,

O caju era um modo de contar tempo. Como ainda o é para gente da velha-guarda. Quando se acha que alguém não logrará sucesso, ou que não vai bem de saúde, prevendo-se um desenlace, comenta-se que este alguém “não irá aos cajus”. Muitas vezes, uma pessoa julga estar com tudo, mas nem chegou à metade do assunto. É aí que se diz: “Quando ele ia com os cajus, alguém já voltava com as castanhas”. “Ir aos cajus”, significa ir até um outro ano. Porque caju já foi de maior importância antes dos almanaques. Os nossos indígenas contavam os anos pelas safras de cajus, guardando uma castanha por cada um. Em certas regiões interioranas, se encontra quem diga que “tem tantos cajus” em lugar dos elegantes “Tantas primaveras”. Ensina Teodoro Sampaio que “acaiú”, que deu caju, quer dizer ano. E as coisas que se realizam, de ano em ano, regularmente, são consideradas de “caju em caju”. “Não sou caju para gostar de ser chupado” é uma forma chula de protesto por parte de quem não quer passar por palerma. “Cara de Caju” ou “Cara de Castanha” é o apelido de gente que tem o queixo e a testa projetados para a frente e a boca murcha. Nem o pobre D. Pedro II escapou da alcunha de “Cara de Castanha”. “Cara de castanha movida” é a cara de pele cansada, encarquilhada. No entanto, quando se come uma porção de gostosas castanhas assadas, salgadas ou

não, quem se lembra do caju que já morreu faz tempo? É uma fruta que estraga com facilidade⁷.

Críticas pejorativas também são feitas apelando para termos como “bacalhau” (mulher muito magra), “bofe” (pessoa muito feia).

Em *A história da alimentação no Brasil* (2004), Cascudo ampliou o vocabulário relativo à alimentação pesquisado por autores como Hildegardes Vianna e Edson Carneiro. E afirmou que, no folclore, a comida tem participação especial. Ela está na música, nos provérbios populares, nas trovas, nas festas típicas. E também na linguagem. Cascudo fez a lista de expressões e palavras que fazem referência a alimentos: banana é sinônimo de covarde, cachaça é vício, filé, uma moça jovem e atraente, pão duro, o avarento...

Doce de coco, pudim, bombonzinho, chuchu, pão, uva viram gírias elogiosas. Abacaxi, pepino, angu, batata quente viram sinônimos de dificuldades e complicações.

[...] Sempre muito lírico, o português foi dando a seus doces e quitutes, no Brasil, nomes tão delicados como os de alguns de seus poemas ou de seus madrigais: pudins de iaiá, arrufos de sinhá, bolo de noiva, pudim de veludo. Nomes macios como os próprios doces. E não apenas nomes de um cru realismo, às vezes lúbrico, como “barriga de freira”⁸.

É interessante sinalizar que o termo “crueldade”, associado à desumanidade, ruindade, maldade violenta, etimologicamente remete a *crudos*: “o que contém sangue, sangrento, ensangüentado, cru, encruado e não cozido. O indivíduo cruel é aquele que se compraz em fazer o mal, em atormentar ou prejudicar”⁹. Em suma, é algo que contém sangue, encruado, não cozido, algo que não sofreu a ação civilizatória do fogo.

COMIDA INSPIRANDO A LITERATURA

Os versos do poeta Jorge de Lima chamam atenção para o sincretismo expresso na culinária: “ai, Bahia de todos os santos, até nos pecados das comidas você botou nome santo? Papos-de-anjo, peitinhos-de-freira, fatias-da-Sé!”¹⁰.

São inúmeras as referências aos romances inspirados no prazer de comer. E nos últimos anos, com o modismo da gastronomia, não deve ter sido coincidência o sucesso do chamado “gastrorromance”, neologismo para designar romances cujos personagens lidam com a culinária.

Embora Shakespeare, Dickens, Rabelais e Balzac, entre outros, tenham escrito romances com referências à comida, a professora inglesa Joanne Harris¹¹, autora de *Chocolate* (1999) foi apontada como a inventora do “gastrorromance”. Este gênero de literatura consiste em conferir qualidades culinárias aos personagens principais, misturando na trama amores perdidos, nostalgia, medo e dilemas a trufas de chocolate, licores exóticos e crepes. Mas antes dela, outras publicações inspiradas na gastronomia fizeram sucesso: *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel (1994), *A festa de Babette e outras histórias do destino*, de Isak Dinesen (1999), que, assim como o romance de Harris (1999), originaram filmes com os mesmos nomes (1992, 1987, 2000, respectivamente).

Se os escritores podem ser influenciados pelo prazer de comer, os personagens também influenciam leitores. Heidi¹², por exemplo, desperta o desejo de experimentar queijo derretido, Obelix¹³ provoca água na boca devorando seus javalis, Proust levou muitos a querer provar *madeleines*. Sua cozinheira Françoise foi imortalizada por sua *omelette à Duval*.

Em *A literatura e o gozo impuro da comida*, Queiroz citou um grande número de livros cujos autores se inspiraram no prazer de comer, ou que introduziram o tema em vários trechos. Neste amplo estudo sobre o assunto, a autora concluiu que o simpósio, o banquete e o festim vinculam-se a todos os gêneros literários¹⁴.

Opíparos banquetes comemoraram, na *Iliada*, a volta dos heróis. (Agamenon sacrificou um touro a Zeus, e o comeu com seu exército para festejar o retorno de Ajax). Aristófanes utilizou um tom cômico para falar da relação do homem com a comida. A obra de Epicarno foi dedicada em grande parte à glotonaria. Na divina comédia, Dante enviou os gulosos para o terceiro círculo do inferno onde foram esfolados por Cérbero. Rabelais (1494-1553) escolheu os dois gigantes, Pantagrue e Gargântua para falar da gula, freada com o conhecimento. Tinham apetites imensos e gostavam de mesas fartas e bebedeiras, além de falar sempre do baixo corporal¹⁵.

A história nos mostra através das obras literárias, tais como *Satiricon*¹⁶, que os costumes do tipo “novo-riquismo”, exibicionismo e mau gosto relacionados ao comer e beber existem de priscas eras¹⁷. Revel, no entanto, defendeu o personagem Trimalcião: ele é descrito como “um novo-rico vaidoso que procura deslumbrar em detrimento da finesse”¹⁸.

Segundo Cavalcanti¹⁹, o escritor francês Honoré de Balzac achava que, se ignorasse a comida, o autor empobreceria a

obra literária. Considerando as refeições uma parte essencial da vida, opôs-se aos representantes do romantismo que a menosprezaram. Em suas histórias eram recorrentes as situações em que os personagens comiam, comentavam os pratos, trocavam receitas. O doutor Rouget de La Rabouilleuse “descobriu que a omelete ficava muito mais delicada quando as claras e as gemas não eram batidas junto, com a brutalidade habitual das cozinheiras”. O escritor viveu durante o reinado de Luís XVIII, considerado o século de ouro da cozinha francesa. Além do surgimento de grandes restaurantes parisienses como o *Café Anglais*, o *Frères Provençaux* e o *Rocher de Cancale*, sobressaíram grandes cozinheiros como Carême. Jornalistas de renome se dedicavam à crítica gastronômica. E livros foram lançados por Grimod de La Reynière e Brillat-Savarin²⁰. Balzac descreveu jantares refinados, em *La Recherche de l’Absolu*, e *Splendeur et Misères de Courtisanes*, e não omitiu os frugais lanches dos estudantes em *Les illusions perdues*, e *Le Veau-qui-Tête*²¹.

Shirassu Júnior²² citou o festim descrito por Flaubert em *Salammbô*; a sedução provocada pela comida em *Bel ami* de Guy de Maupassant; os elogios feitos por Jorge Luís Borges ao vinho, por ele considerado um símbolo que condiciona toda a história do mundo. O requeijão que, em Céline, suscitou visões do Apocalipse. A “floresta” de cristais e pratos indicativa do consumismo yuppie dos anos 80 em Tom Wolfe; a morte do herói do poema épico *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto, após se empanturrar com comida. E o banquete imaginado por Dickens, em *A christmas carol*, para seu fantasma do presente de natal baixar. Além dos autores já citados, Cervantes, Zola, Thomas Mann, George Orwell, Günter Grass levaram seus personagens à mesa. Até Camões falou de comida (galinha de cabidela) em um de seus poemas²³.

Os autores de romances brasileiros também se inspiram no prazer e no gozo de comer. Raul Pompéia descreveu um banquete com detalhes repugnantes e até macabros, sugerindo um mundo em dissolução, como apontou Shirassu Júnior²⁴. A escritora Nélida Piñon confessou em entrevista que a comida “provoca em mim um prazer imediato, emoções afloram velozmente. Não imagino minha literatura sem os pratos que comi”²⁵.

Em *Dioniso & Cia. Na moqueca de dendê*, Araújo invocou personagens de Jorge Amado para estabelecer elos entre a sexualidade e a comida.

[...] A protagonista inverte a equação provocada pelo mal-estar na cultura. Assim, subjuga o princípio de realidade a códigos particulares de prazer, [...] encontrando o suporte de suas energias no trabalho — para ela prazeroso, e nas adicionais atividades prazerosas: comer frutas no quintal, correr na praia, amar seus homens com liberdade”, ou seja, perpetuar a mais-valia do prazer²⁶.

A culinária na obra de Jorge Amado foi também pesquisada por sua filha Paloma Amado, nos temas relativos à gula, volúpias do paladar e prazer misturado à sensualidade. A autora resgatou receitas de dona Flor que deliciaram Vadinho e Teodoro Madureira. E também as do bedel Pedro Archanjo (*Tenda dos milagres*, (1969), autor do fictício *Manual de culinária baiana* que parece ter sido uma referência ao livro de Manoel Querino. Além de ensinar a fritar os acarajés citados em *Cacau* (1933), *Suor* ([1934] 1998), *O sumiço da santa* (1988), e algumas das iguarias saboreadas por *Tieta do agreste* ([1977], 1997), a moqueca de siri, servida na casa de Maria Machado ao Capitão, ou em *Gabriela, cravo e canela* ([1958], 1995), deu explicações sobre os carurus de Cosme e Damião; sobre o que oferecer em um velório; e como fazer a merenda da tarde²⁷

Em *Feijão, angu e couve*, Friero referiu-se ao romance de Abílio Barreto, intitulado *A filha do tropeiro*, a *Os jatobás*, de Ciro Arno, e a *O hóspede*, de Aristides Rabelo, que enfocam o tema da comida e assim ajudam a informar sobre os hábitos de outrora²⁸.

Celso Japiassu escreveu 50 sonetos de forno e fogão, onde encontram-se várias receitas em forma de soneto²⁹.

Entre os gastrorrromances e romances com referências interessantes sobre comida editados na última década do século XX, destacamos alguns: *Por que almocei meu pai*, de Roy Lewis (1993). Baseado em fundamentos científicos, conta a história de um homem das cavernas que vivencia momentos decisivos para a futura civilização: o fogo, a pintura rupestre, a culinária. Apelando para a literatura policial e o humor, Luis Fernando Veríssimo, em *O clube dos anjos* (1998), fez da gula e do gozo o prato principal. Narrou a história de um grupo de dez amigos que fundaram um clube de *gourmets* onde promoveram orgias alimentícias. Em cada uma delas, um deles morria. Deduzindo que as refeições culminariam fatalmente em uma morte, assumiram o risco como em roletas russas, sem renunciar ao momento gastronômico.

É interessante notar que até a fome concreta inspirou um livro de receitas: quando escreveu o já mencionado *Como cozinhar um lobo* (1998), de MKF Fisher, a fome era uma ameaça

real ou, para dizer como os ingleses, “o lobo estava sempre atrás da porta”.

Não foram poucos os escritores que apelaram para o vocabulário gastronômico, visando descrever a sensualidade de suas personagens.

Molière, em *La mariage forcée*, falou em “lábios apetitosos”.

Em *Sonho de uma noite de verão*, Shakespeare fez Demetrius dizer a Helena: “oh que maduros se mostram teus lábios cerejas beijadoras tentadores brotos!”.

É de Garcia Lorca o verso “o mel é o cântico do amor/ a substância do infinito”.

O rei Salomão louvou os encantos de Sulaminta no *Cântico dos cânticos*, referindo-se a frutas e mel: “O teu falar é doce assim como é o vermelho da romã partida. Os teus lábios são como um favo que destila doçura. O mel e o leite estão debaixo da tua língua. E os teus peitos são como dois cachos de uvas. E o cheiro da tua boca como o dos pomos.”

COMIDA NAS HISTÓRIAS DE FADAS

Também encontramos nos “Contos da Carochinha” inúmeras alusões a alimentos e guloseimas. A incorporação – metafórica ou não – está neles presente. Em várias histórias, bruxas, ogros, lobo mau devoram seres humanos, por apetite ou desejo de destruí-los. A esposa do príncipe da bela adormecida induz a cozinheira a servir as crianças de sua rival num cozido; a bruxa engorda João e Maria para devorá-los. Os símbolos estão implícitos: a figura materna remete à ambivalência entre a vida e a morte. Nascer é sair do ventre, morrer é retornar a este, ser devorado pela terra.

O conto de fadas *O corvo*, dos Irmãos Grimm, dá ênfase ao alimento quando fala da jornada do herói para libertar a princesa de sua prisão na forma de um pássaro de plumagem escura³⁰, e Branca de Neve não resistiu à maçã envenenada. Jackson sinaliza que “um motivo é freqüente nos contos de fada e no folclore: o fornecimento inesgotável do alimento”. A mesa que se põe sozinha, o caldeirão mágico são alguns exemplos³¹.

O prazer de comer e o interesse pela comida, estimulam e são estimulados também pelos meios de comunicação. Não só os livros, mas as revistas informativas, alertas para tal interesse,

abrem suas páginas para temas gastronômicos, e as especializadas contam episódios cujos personagens são reis, escritores e pintores. Ao abordar estes temas, permitem aos receptores ganharem algumas noções de etiqueta, geografia, história.

SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS DA COMIDA

Barthes comparou o alimento à roupa ao afirmar que ambos não podem ser dissociadas de seus significados simbólicos. Quando um tipo de alimento é consumido ou servido, o homem não está manipulando um simples objeto. O alimento significa mais e está sinalizando uma situação ao mesmo tempo que transmite um significado³². “O alimento é um fixador psicológico no plano emocional”, escreveu Lima, em *Tachos e panelas*³³.

Comer certos pratos é ligar-se ao local do produto. Comer do pão e provar do sal são sinônimos de integração, com larga documentação religiosa e folclórica, denunciando proclamação de solidariedade³⁴.

Ovos de chocolate durante a Páscoa, casadinhos e bolo glaceado em casamentos servem de exemplo. Entre as várias frutas carregadas de simbologia, a maçã parece ser a mais citada. As maçãs eram consideradas oferendas apropriada à Afrodite, deusa do amor. Branca de Neve comeu a maçã envenenada oferecida pela bruxa, assim como a serpente ofereceu uma maçã a Eva³⁵.

A comida festiva repete tradições. O pudim inglês ou as rabanadas servidos no natal, o peru no dia de ação de graças nos Estados Unidos, a canjica no São João nordestino, os bolos de aniversário, com velas para serem sopradas, são outros exemplos. As feijoadas eram obsessão, elo de ligação com a mãe pátria. Cordão umbilical. Promovidas nos fins de semana, eram produto de uma odisséia. Os símbolos são o feijão preto, a carne seca, o palmito, a cachaça, farinha de mandioca, a música³⁶.

A tradição do bolo de casamento, remonta a Itália renascentista, quando os navegadores venezianos trouxeram o açúcar, que substituiu o mel. Inicialmente de tamanhos gigantesco. Conta-se, os convidados poderiam atravessar portas comestíveis do bolo preparado para as núpcias de Ludovico Sforza, duque de Milão, no final do século XV³⁷.

O comportamento de compartilhar o pão é ritualizado em várias culturas. Partir o pão e partilhá-lo com amigos significa a

própria amizade e também confiança, prazer e gratidão pela partilha. Os judeus, quando comemoram um acontecimento, comem rábanos que simbolizam lágrimas derramadas por seus ancestrais quando eram escravos no Egito. Os egípcios fazem juramentos sobre uma cebola que, para eles, representa as camadas do universo. O Bem e o Mal foram simbolicamente representados em refeições célebres, como as Bodas de Caná ou a Última Ceia³⁸.

DaMatta referiu-se ao *Thanksgiving Holiday*, feriado nacional nos Estados Unidos que reúne as famílias em volta da mesa de refeições. A América do *Thanksgiving* é como o Brasil de todo domingo quando – ricos ou pobres – temos todos o direito comer nosso franguinho ao molho pardo ou o nosso churrasquinho com farofa, regado a uma boa cerveja gelada. “Fazemos questão de estar com os pais, amigos e vizinhos porque assim determina a lógica do ritual. Fazemos igualmente questão de comer a mesma comida porque, com isso, compartilhamos de uma mesma substância nutritiva, naquilo que está na raiz do encontro cristão, o primeiro paradigma da fraternidade universal”³⁹.

O peru assado, regado ao molho de granberries, é o prato fundamental. Em um país onde os *fast-foods* se tornaram uma instituição, o banquete simbólico repete-se todos os anos dentro das quatro paredes dos lares. Pois em torno da grande mesa cujo centro é um enorme peru assado, corado na sua bela travessa de porcelana, não se salienta apenas um conjunto de cidadãos que voluntariamente escolhem comer isso ou aquilo, mas se reafirma miticamente o pertencer a uma comunidade por meio de uma família e uma mesma morada: um mesmo nome, carne e sangue. Ora, num sistema onde todos têm que sair de casa, reafirmando o mito da liberdade, da igualdade e da autonomia individual, esse retorno à vida coletiva como membro nato e inalienável de um grupo marcado pelo sangue e pela carne é um movimento significativo⁴⁰.

O arquétipo da mãe tem uma ligação íntima com a imagética da alimentação. A Grande mãe produz, alimenta e devora incontáveis formas de vida. A mãe - em latin *mater*, em grego *meter*, é um cognato de matéria (do latim *materia*) como mãe terra (Gaia) fornece a substância literal do alimento: alimenta e sustenta com o leite de seus seios. Klein referiu-se ao seio mau que despoja e esfomeia ao reter ou secretamente tomar de volta. A mãe também devora com seu amor. Assume formas de crocodilo ou tigreza. Pode ser representada como a bruxa que alimenta as crianças perdidas com pão de gengibre, antes de deixar Maria morrendo de fome e engordar João visando jantá-lo⁴¹.

Inevitável a associação à mitologia clássica: o pai também pode ser devorador, como Cronos o tempo, ou Cronos o primeiro deus que mastigou o potencial futuro dos filhos.

O cinema está repleto de símbolos alimentares. Em *O Encouraçado Potemkin* (Bronenosets Potyomkin, Rússia, 1925), Eisenstein utilizou um pedaço de carne podre para simbolizar a decadência de um regime político.

As Aventuras de Tom Jones (*Tom Jones*, Inglaterra, 1963), de Tony Richardson, tornou-se inesquecível pela cena de um banquete, e também de uma maçã muito vermelha mordida à *deux*.

Cafés matinais foram utilizados por Welles para mostrar a deterioração do primeiro casamento de Charles Foster Kane em *Cidadão Kane* (*Citizen Kane*, Estados Unidos, 1941), dirigido por Orson Welles.

A manteiga de *O Último Tango em Paris* (*Last tango in Paris*, Itália, 1972), de Bernardo Bertolucci, e os morangos de *9 ½ semanas de amor* (*9 ½ weeks*, Estados Unidos, 1986), dirigido por Adrian Lyne, adquiriram significados eróticos depois de antológicas cenas em que são utilizados não exatamente como alimentos.

E em *The big swallow*, rodado em 1901, Williamson, diretor dinamarquês encerra o filme com a câmera sendo engolida pela bocarra do protagonista⁴².

A busca obsessiva de provar carne de boi motivou e modificou muitos anos da vida de um caipira em *A marvarda carne*, filme brasileiro, rodado em 1985, dirigido por André Klotzel. A força do desejo é expressa no alimento nunca dantes experimentado, imaginado como a maior das delícias e cuja busca justifica sacrifícios e muita persistência. Para os junguianos, a carne simboliza a busca masculina de libertar-se da mãe.